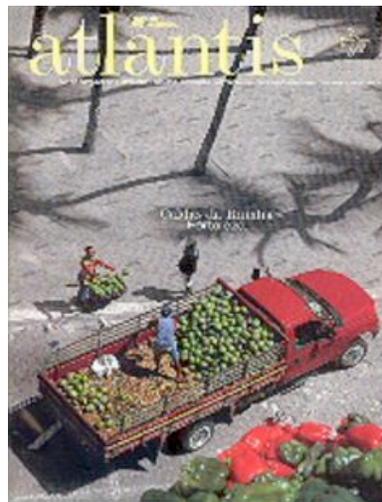


Caldas da Rainha:

Guião e Guia

João B. Serra



Publicado em

Atlantis, nº 5, Setembro-Outubro 2003

Guião

Na segunda metade do século XIX, quando “mudar de ares”, no Verão, entrou nos hábitos das elites urbanas, Caldas da Rainha tornou-se um destino quase obrigatório. Além da família real, com residência dedicada na vila, nomes sonantes da política, dos negócios, da vida intelectual, ali permaneciam duas semanas entre finais de Julho e princípios de Setembro, em hotéis, pensões, casas alugadas. A imagem que das Caldas se construiu então, e perdurou pelo século XX, é em boa medida uma imagem literária, alimentada pelo encanto, pela ironia, pela nostalgia dos nossos escritores (a título de exemplo: Júlio César Machado, Pinheiro Chagas, Eduardo Coelho, Fialho de Almeida, Abel Botelho, Manuel de Sousa Pinto, Augusto de Castro, António Ferro, Luís Teixeira).

Vivia-se na povoação um tempo de euforia. Acreditava-se na possibilidade de transformar as Caldas numa das mais importantes estâncias termais da Europa. O caminho de ferro, inaugurado em 1887, colocava-a ao alcance de qualquer viajante, português ou estrangeiro, vindo do Norte ou de Lisboa. A vila dotava-se sucessivamente de equipamentos modernos: uma calçada para o mercado, no Rossio, doravante reservado a produtos mais nobres, uma nova Praça para venda dos restantes produtos, uma sala de espectáculos, uma praça de touros. E as velhas Termas, criadas no século XV, com a sua originalidade - um Hospital de internamento e corpo clínico permanente - eram igualmente submetidas a um processo global de remodelação: mais dois hospitais construídos de raiz, um para doenças gerais e outro para termalistas, um grande parque com áreas de lazer e desporto adequadas às novas exigências do público endinheirado e mundano.

Praticamente em simultâneo, ocorria uma revolução na manufactura mais emblemática das Caldas, desde o tempo da Rainha fundadora, D. Leonor: a cerâmica. Na segunda metade do século XIX, uma brilhante geração de ceramistas, entre os quais o destaque maior vai para Manuel Cipriano Gomes, Francisco Gomes de Avelar, José Alves Cunha e José Francisco de Sousa, integrou-se na corrente neo-palissy, povoando a sua louça de formas e decorações naturalistas, cobertas por impressionantes vidrados, com destaque para o verde esmeralda e o amarelo mel. A cerâmica caldense obteve então grande projecção em Portugal e até no estrangeiro (Inglaterra, Países Baixos, Brasil, Estados Unidos). Em 1884, instalou-se nas Caldas um dos artistas mais populares e criativos na época, Rafael Bordalo Pinheiro, ali desenvolvendo ininterruptamente, até 1905, data da sua morte, uma espantosa colecção de novos modelos que percorreram todos os campos da produção cerâmica: da telha e tijolo à louça de mesa em faiança produzida industrialmente. Mas foi no azulejo e na louça decorativa que o génio de Rafael Bordalo Pinheiro atingiu uma capacidade plástica e inventiva de excepção.

Confiante, a vila, cuja população crescia rapidamente, renovou as fachadas dos seus prédios de habitação e de comércio, recorrendo ao jogo de cantarias, ao ferro forjado e ao azulejo, num cosmopolitismo onde avultam as influências da “arte nova”.

Na vida do núcleo urbano caldense, momentos como este, de profunda reforma urbanística associada às Termas, tinham paralelos históricos. Desde logo, o momento da fundação propriamente dita, na qual são mobilizados objectivos e meios de uma grande princesa renascentista, a Rainha D. Leonor, mulher e irmã de reis, que reorganizou o sistema de assistência da época e foi mecenas das artes e das letras. O plano do Hospital e da sua Igreja – ambos consagrados a Nossa Senhora do Pópulo, provavelmente por

sugestão de um conselheiro da Rainha, cardeal em serviço na cúria romana e devoto de Santa Maria Del Populo – foi confiado a mestres do Mosteiro da Batalha. A Rainha administrou pessoalmente o estabelecimento e foi nesse quadro de “corte na vila” que, por exemplo, um auto de Gil Vicente foi na Igreja representado em 1504.

Uma segunda fundação ocorre em meados do século XVIII, também por iniciativa régia, de D. João V, monarca de tempos áureos. As estruturas termais, herdadas do século XV, estavam envelhecidas e degradadas e o Rei quis corresponder às sugestões dos seus conselheiros que acreditavam nas virtudes salvíficas das águas termais comprovadas pela Medicina e pela Química modernas. Assim, um novo Hospital foi erguido (é o que hoje existe, acrescentado de um piso no século XIX), a Câmara Municipal dotada de edifício próprio, no Rossio, e um sistema de abastecimento de águas à vila desenhado e realizado. Tudo isto sob a direcção dos engenheiros que meia dúzia de anos mais tarde iriam ser incumbidos da reconstrução da Lisboa devastada pelo terramoto (1755).

Em 1927, a vila das Caldas da Rainha foi elevada ao estatuto de cidade. Aproximava-se dos 8000 habitantes (em 1852, seriam 2000, números redondos, 2700 em 1878 e 4600 em 1900). Na altura eram raras as cidades que não fossem sedes de distrito, e, de Lisboa para Norte, era a primeira, numa distância de mais de uma centena de quilómetros. As elites locais procuraram fazer dessa conquista política uma alavanca para consolidarem as valências herdadas e projectarem novas. Entre as herdadas estavam as Termas, a polarização de uma região agrícola com produções de qualidade, e a cerâmica. As novas valências eram: um urbanismo equilibrado entre o novo e o antigo (sob a responsabilidade do arquitecto Paulino Montês), um envolvimento com a actividade artística (Malhoa, um Museu de raiz criado no contexto das comemorações nacionalistas

dos Centenários, em 1940) e uma aposta no comércio e nos serviços, incluindo o turismo de praia, diversificando as actividades económicas.

Esta aposta estratégica foi razoavelmente sucedida, ancorada na circunstância de a cidade ter permanecido na rota do principal eixo viário do País, até aos anos 60, e ter beneficiado do nascimento, estadia ou naturalização de um lote excepcional de intelectuais, como Costa Mota, Francisco Elias, Hansi Stael, Ferreira da Silva (ceramistas), António Duarte, João Fragoso, António Vitorino, Afonso Duarte Angélico, Martins Correia, Júlio Pomar, António Quadros, Artur Bual, José Aurélio (artistas plásticos), Raúl Proença, David Mourão Ferreira, Manuel Ferreira, Luís Teixeira, Mário Castrim, Santos Fernando, Luís Pacheco (escritores). Para um ambiente urbano arejado e desenvolvido que se viveu nos anos 50 e 60 também terá contribuído a circunstância de os caldenses terem sido surpreendidos, a partir de Julho de 1940 com a chegada de centenas de refugiados da II Guerra. "Inesperadamente – noticiava o semanário local - automóveis estrangeiros começaram a parar nas ruas da cidade, enquanto muitos outros, atulhados de bagagens, se dirigiam para o sul. (...) Os hotéis ficaram cheios de estrangeiros: austríacos, ingleses, franceses, americanos, belgas e holandeses.(...) Gente estranha, de todos os credos políticos e de todas as religiões (...)".

A década de 1960 trouxe consigo um elemento perturbador da posição caldense, quando o tráfego rodoviário Lisboa-Porto deixou de passar pela cidade, que só voltaria a recuperar vantagem em acessibilidades com a conclusão das ligações por auto-estrada a Lisboa, Leiria e Santarém, muito recentemente.

Pode dizer-se que as últimas três décadas do século XX foram o palco das hesitações e dificuldades de todas as cidades portuguesas, designadamente as do litoral. Nas Caldas,

termalismo foi lento a modernizar-se e perdeu a liderança nacional, face à concorrência de outros centros com uma gestão especializada. A pressão urbanística, embora sem a violência de outras paragens, não deixou de se fazer sentir, e o turismo de massa, associado às praias também atingiu as Caldas. As elites locais tentaram por todos os meios evitar a periferização, perante a concorrência de outros centros regionais, mas nem sempre terão sido bem sucedidas ou avisadas nesse objectivo.

A cidade conservou, como pode, o seu património termal, que não desistiu de ver dignificado e projectado para o futuro. Conservou a vivacidade do seu mercado de géneros diário em praça aberta, no cenário do antigo Rossio. Conservou um comércio tradicional que é um factor de animação económica e social. Conservou a sua histórica disponibilidade para a valorização das artes, acrescentando ao Museu de José Malhoa novas colecções e instituições museológicas. Procura projectar a sua experiência histórica numa Escola de Artes e Design de cujo curriculum de prémios nacionais e estrangeiros justamente se orgulha. É uma cidade aberta que conserva vivas as marcas, por vezes contraditórias, da urbanidade moderna.

Guia

Caro visitante: a breve introdução histórica que acaba de ler despertou-lhe o interesse em (re)conhecer as Caldas da Rainha? Isso significa que está disponível para percorrer a cidade, descobrir os sinais do tempo, dialogar com aqueles que a construíram no passado e que a fazem hoje, eventualmente participar na identificação das opções e desafios que se colocam ao seu futuro.

Prepare-se então para deambular pelas suas ruas, entrar nas suas lojas, voltar no seu mercado matinal, descobrir o seu parque, espreitar as suas Termas, soltar a curiosidade nos seus museus, apreender as modalidades da sua cerâmica, saborear os seus comeres, observar as suas aldeias da meia encosta, sentir a maresia forte da Foz do Arelho.

As ruas das Caldas contam várias histórias: a história do urbanismo, do século XVI até ao século XX, a história do azulejo, das suas técnicas e dos seus reflexos; a história da edificação e da arquitectura (com interessantes apontamentos, sobretudo “arte nova”).

Levam o visitante junto dos elementos patrimoniais mais significativos e permitem “perder-se” no seu pequeno centro histórico com as suas ruas estreitas e as suas capelas.

As lojas das Caldas ainda contêm surpresas, numa era de globalização. Nas Caldas há uma rua cujo nome oficial é praticamente desconhecido, de há tanto se chamar Rua das Montras.

A Praça da República, ou simplesmente a Praça, tem duas faces: manhã bem cedo enche-se de vendas de frutas, legumes, flores, cestos, azeitonas, frutos secos, ovos, pão, queijo e bolos regionais, alguma cerâmica brejeira. É um mercado de ar livre que diariamente se faz e desfaz. Por volta das 13 horas começa a recolha dos elementos de exposição e dos

restos. Após a limpeza, de tarde e à noite, a Praça é outra, ponto de encontro ou de passeio.

Construído na década de 90 do século XIX, o Parque das Caldas foi um dos primeiros equipamentos da modernização termal da época. Tem uma dimensão invulgar e uma arborização acolhedora. No seu lago reflectem-se os chamados Pavilhões do Parque, exemplar de uma arquitectura talvez exótica, mas a que se colou, nomeadamente na perspectiva do seu reflexo nas águas paradas do Lago fronteiro, uma das imagens mais divulgadas da cidade.

O Parque surge na continuidade do Hospital Termal, que há muito ambiciona reservar o Largo que os separa ao trânsito pedonal. Caro visitante, se se queixa de doença do foro reumatismal ou do foro respiratório, estas são provavelmente as Termas que lhe convêm e talvez seja aconselhável proceder a inscrição. Caso contrário, ponha os objectos de ouro e prata em bom recato (o enxofre ataca os metais) e enfrente decididamente o odor inconfundível das águas sulfúreas. Recolha-se por momentos na piscina da Rainha e inspire-se nas palavras que D. João V lhe quis dirigir (*Tu, que a esta casa te acolhes, imita-os – os fundadores – quanto puderes e não te arreponderás*). Em seguida, visite a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, datada de 1500, “bela e pequena jóia da nossa arte tardo-gótica”, como foi classificada por um historiador de arte. Tudo nela suscita a atenção: dos aspectos construtivos da abóbada ao revestimento azulejar, da pia baptismal à porta da sacristia, do tríptico colocado no arco triunfal até à torre sineira.

A instituição dispõe de um Museu, centro expositivo e interpretativo onde pode seguir, através da pintura, da escultura, da paramentaria, de instrumentos e aparelhos médicos e

hospitalares os passos principais da história das Termas e da própria cidade cuja criação impulsionaram.

Os Museus das Caldas dispõem de boas colecções de pintura e escultura portuguesas do século XIX e XX. Refiro-me ao Museu de José Malhoa e aos museus Municipais de António Duarte e José Fragoso (em breve será inaugurado um terceiro museu municipal de escultura dedicado a Barata Feyo). Mas devo prevenir que alguma escultura contemporânea, designadamente a que provém da actividade dos Simpósios de Escultura em Pedra promovidos pela Câmara Municipal de dois em dois anos, se encontra em espaço público dispersa pela cidade.

A cerâmica caldense também pode ser vista em Museu. O Museu de Cerâmica está instalado num palacete revivalista construído nos finais do século XIX que, só por si, pede visita. Apesar dos condicionamentos do espaço, a colecção exposta é (sempre) surpreendente. Há fábricas que dispõem de Museus próprios: a Bordalo Pinheiro, fundada em 1908, herdeira do nome e dos modelos do maior ceramista português, e a Secla, fundada em 1947, por cujo estúdio passaram alguns dos nomes mais importantes das artes plásticas portuguesas das décadas de 1950 e 1960. Outras mais recentes, apostadas em novos produtos e formas, como a Molde, também merecem uma visita, tal como o Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, que desde meados da década de 1980 tem acompanhado os vários caminhos da renovação industrial. No mesmo passo se poderá inserir a Escola Superior de Artes e Design, uma escola em cuja origem a cerâmica marca presença, é um edifício premiado.

A cidade dispõe no campo da gastronomia de uma oferta sólida. As suas pastelarias são recomendáveis nos doces tradicionais: trouxas e cavacas. Pode-se encontrar comida

internacional de excelente confecção: italiana, tailandesa, suíça e francesa. Há restaurantes de comida regional nas Caldas, na Foz do Arelho e em diversas aldeias. Neste caso, é possível combinar uma excursão gastronómica com a observação da paisagem agrícola e patrimonial, pois algumas das sedes de freguesia do concelho foram até ao século XIX vilas dos coutos da abadia cisterciense de Alcobaça.

Mas se o visitante for daqueles que não pode passar sem o mar, então a Foz do Arelho é o lugar certo, com a presença forte do Atlântico, e, se a neblina o não impedir, o horizonte povoado da península, outrora ilha, de Peniche e das Berlengas. Não o devo porém deixar sair da Foz sem lhe propor que suba lentamente a encosta da Lagoa onde hoje se encontram as magníficas instalações do Inatel. Aí, sentado na varanda, onde Francisco Grandela outrora sonhava com uma nova Veneza, é o momento de o seu coração serenar enquanto o sol de põe no horizonte.

Pode ficar aí mesmo, no Inatel. Mas a cidade dispõe de dois hotéis de três estrelas e três boas residenciais, e ainda de um turismo de habitação, em pleno centro histórico, além de turismos rurais nas imediações e na Foz do Arelho.

Há sempre, claro, Óbidos, com o seu ambiente intimista, onde uma verdadeira movida enche os seus cafés e bares aos fins de semana (e toda a semana durante o Verão). A noite começa lá. E pode lá acabar, claro. Mas também pode acabar na Foz do Arelho, onde as discotecas se tornaram já verdadeiros lugares de culto.